

João Antonio e a Censura: Relação Implícita

João Antonio and Censorship: implied relationship

Rhuan Felipe Scomação Da Silva*

* Universidade Estadual de Londrina, UEL, Londrina - PR, 86057-970,
e-mail: rfss_hcp@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho pretende analisar três narrativas do criador do conto-reportagem no Brasil, João Antonio Ferreira Filho, a partir das críticas implícitas, e algumas vezes explícitas, ao regime militar, à censura e à higienização simbólica dos grandes centros urbanos do país. A partir do estudo dos arquétipos de cada um dos protagonistas dos contos *Dedo Duro* (1982), *Abraçado ao meu rancor* (1986) e *Paulinho perna torta* (1975), percebe-se a existência de uma crítica velada, escondida a partir de mecanismos e ferramentas de linguagem, que denunciou a violência e a repressão do governo ditatorial que dominou o Brasil entre 1964 e 1985. Partindo dessa proposta, conhecemos três tipos de “malandros” descritos por João Antonio, que servem como olhares e percepções diversas sobre o que foi viver este período. Exploram, em uníssono dessa vez, o lado desagradável que não era exibido para o grande público graças à censura e representam, para além de um simulacro, os homens, mulheres e profissionais do jornalismo e da literatura que precisaram esconder suas críticas para sobreviver no ambiente tóxico e censurado do período.

Palavras-Chave: Ditadura Militar; Censura; Jornalismo e Literatura.

Abstract: The present work intends to analyze three narratives by the creator of the conto reportagem in Brazil, João Antonio Ferreira Filho, based on the implicit, and sometimes explicit, criticisms of the military regime, censorship and the symbolic cleaning of the great urban centers of the country. From the study of the archetypes of each of the protagonists of the short stories *Dedo Duro* (1982), *Abraçado ao meu rancor* (1986) and *Paulinho perna torta*, which denounced the violence and repression of the dictatorial government that dominated Brazil between 1964 and 1985. Based on this proposal, we know three types of “rascals” described by João Antonio, who serve as different perspectives and perceptions about what it was like to live this period. In unison this time, they explore the unpleasant side that was not shown to the general public thanks to censorship and represent, in addition to a sham, the men, women and professionals of journalism and literature who had to hide their criticisms in order to survive in the environment toxic and censored of the period.

Keywords: Military dictatorship; Censorship; Journalism and Literature.

INTRODUÇÃO

João Antonio Ferreira Filho, escritor e jornalista paulista, criador do conto-reportagem no Brasil, construiu uma fortuna literária que descreve a vida boêmia,
Volume 22
Número 52

malandra e periférica dos novos grandes centros urbanos do país, como São Paulo e Rio de Janeiro. Contudo, suas percepções não ficam apenas no eixo Rio - São Paulo, com algumas excursões a cidades em ritmo constante de crescimento, como Londrina e Curitiba, e até mesmo pequenos “cantinhos maravilhosos”, como ele cita em “Tony Roy Show” (1982), acerca de Antonina no Paraná, ou da histórica cidade de Cachoeirinha, na Bahia, em “Dois Raimundos, um Lourival” (1982).

O escritor é conhecido pelas descrições ácidas, realistas e detalhadas da vida boêmia e periférica dessas grandes cidades que eram vendidas como limpas e puras pela política de censura do período, assim como por uma escrita explícita, que não esconde do leitor os termos comuns do meio em que vive, em uma relação, muitas vezes, autorreferencial.

Tendo seu conjunto de obra sendo escrito em grande parte durante a ditadura militar brasileira (1964-1985), é senso comum pensar que suas narrativas constroem críticas diretas e constantes ao regime de censura do período, porém, mesmo que isso aconteça, a quantidade de narrativas que flertam com esta atitude combativa não é tão grande como imaginado.

João Antonio participou e chegou a ser membro chave de revistas de esquerda e extrema-esquerda durante esse período, como a revista *Realidade* (1966-1976), principal periódico que publicou seus contos, *O Pasquim* (1969-1991), *Versus* (1975-1979), *Movimento* (1978-1981), entre outras que circulavam como meios de comunicação adversos ao regime de censura do período ditatorial no Brasil.

Contudo, apesar desta constante participação, são quase raras as narrativas de João Antonio que criticam o regime militar diretamente, sendo que o autor era apresentado, em alguns raros casos, como alguém a quem a censura fazia vista grossa, como aponta Flora Süssekind

Para a autora, a censura fez “vista grossa” aos textos de denúncia de José Loureiro e João Antonio, “porque neles, como na maior parte da literatura-verdade do período, percebem colaboradores bastante eficientes. Isto porque servem ao mesmo senhor: ao interesse de representar literariamente um Brasil. E até o negativo da foto interessa à Política Nacional de Cultura. Em positivo ou negativo, o texto-retrato tende a ocultar fraturas e divisões, a construir identidades e reforçar nacionalismos pouco críticos.” (SÜSSEKIND, 1985, p.27, apud ZENI, 2012, p.122)

Pensando nessa “vista grossa” que Süssekind expõe, este trabalho analisa alguns trechos das narrativas de João Antonio que flertam com o combate e a resistência desses

grupos de esquerda no que tange às críticas acerca do regime militar e à forte censura que os meios de comunicação enfrentavam.

Para resumir o número de narrativas a serem empregadas, dado o grande acervo de obras do escritor, delimitamos a análise aos contos *Dedo Duro* (1982), *Abraçado ao meu rancor* (1986) e *Paulinho perna torta* (1975). Esses três contos foram escolhidos por representar peças fundamentais na construção dos arquétipos comuns de João Antonio, que são: o malandro “raiz”; o homem esperto (também malandro), que não pertence realmente a lugar nenhum; e o intelectual (tão malandro quanto os outros dois).

Com *Paulinho perna torta*, temos o malandro clássico, o homem que sabe lidar com o seu meio, que desafia a autoridade, mas sabe quando recuar para continuar ganhando. O conto narra a trajetória completa deste protagonista a partir de um olhar atento de João Antonio ao malandro carismático, que é invejado pelos seus pares por seu modo de vida, assumindo seu lugar de destaque na sociedade.

Em *Dedo Duro*, João Antonio descreve o malandro que sabe lidar para sobreviver entre os maiores, mas que se entrega para o outro lado, o traidor por sobrevivência. E por fim, em *Abraçado ao meu rancor*, temos o intelectual malandro, o jornalista que é o auto-retrato do censurado, aquele que goza da posição de destaque, mas sabe que não pode fazer nada para mudar a situação além de sobreviver.

Dados os personagens e seus arquétipos, o trabalho retira momentos chave desses textos para construir uma análise acerca do empenho implícito de João Antonio em combater, expor e ser atuante na produção literária e jornalística brasileira durante o violento e desesperançoso regime militar brasileiro, para, posteriormente, considerar acerca da importância que essas críticas tiveram na produção cultural e social do Brasil.

OS MALANDROS

A ditadura militar brasileira e os diversos mecanismos empregados por ela para controlar os meios de comunicação (AI-5, censura, etc.) transformaram a luta entre esquerda e direita política em um ambiente cerrado e controlado, onde a esquerda, após um efeito dominó de derrotas (intelectuais, burguesia revolucionária, esquerda armada), precisou se reter e esperar por algo que a fizesse voltar a ter alguma esperança.

Como consequência, o que ficou da esquerda teria sido precisamente uma esquerda enfraquecida, acuada e resignada, que entende que só conseguiria pequenos avanços através de omissões [...] fazendo parte da engrenagem do sistema - e não se opondo a ele. Afinal, o que os anos de ditadura ensinaram para este grupo seria exatamente o que o narrador de “Abraçado ao meu rancor” expõe: que “já não está em tempos em que possa pensar com a sua cabeça.” (MALCHER, 2018, p.95)

Havia uma imagem que o regime militar queria imprimir do Brasil para o mundo, mas essa imagem não era a mesma que João Antonio conhecia e representava em suas narrativas. Os militares tratavam os novos grandes centros urbanos como um produto a ser vendido “A mercadoria que está à venda, sabe-se logo, é a própria cidade de São Paulo, alardeada em tons triunfais e eufóricos, sem sinal de crítica. Bem no clima eufórico do ‘milagre brasileiro’ vendido pela ditadura civil e militar”. (BUENO, 2013, p.118, Apud MALCHER, 2018, p.85).

Apesar da imagem desejada pelos militares, João Antonio sabia que essa não era a realidade do país, ao menos não o país que ele conhecia. Não era o Brasil dos subúrbios, das grandes mazelas sociais, dos guetos, dos puteiros, da sinuca e dos bares que varavam a madrugada, era o Brasil da zona sul de São Paulo, um Brasil esterilizado, que buscava investimentos internacionais e vendia sua riqueza afim de uma imagem inexistente.

João Antonio sabia disso e, em *Abraçado ao meu rancor*, expõe esta crítica a partir do olhar acurado do protagonista intelectual, do jornalista que vê seu trabalho ser reduzido a ordens absurdas afim da não exposição do Brasil real, em favor de uma política de censura cada vez mais atuante no meio jornalístico e intelectual do país.

O narrador nos leva para uma São Paulo que começa a ser apagada pelo regime, os nomes dos lugares se alteram: “Eles podem. Bem podem os majorengos¹ trocar o nome de Sorocabana para Fepasa, diabo a quatorze ou o lero besuntado que entenderem. Para mim, é Sorocabana.” (ANTONIO, 2012, p.338), mas as pessoas e os lugares são os mesmos. Surge uma nova lei marcial, suprema, que tenta esconder a realidade, mas que não passa despercebida dos olhares do narrador.

João Antonio não desperdiça o tempo do leitor com preâmbulos enganosos, não o sugestiona a aceitar a nova realidade apesar da repressão intensa que opiniões divergentes do regime militar vinham sofrendo, sua narrativa escancara, desde as

¹ Não fosse pelo termo “majorengo”, que aparentemente é derivado do verbo “majorar” e, ainda, de “major” (símbolo de alta patente militar), não teríamos aí nenhuma gíria. (SILVA, 2009, p.189)

primeiras páginas, a falsa impressão que o governo militar tenta imprimir para o público, uma impressão que é demolida página a página neste conto, mesmo que, para isso, o discurso combativo seja implícito.

Mas o narrador sabe que sua posição poderia ser mais atuante, mais engajada, mais combativa a todo esse embelezamento falso produzido pelo governo militar e por isso sofre, por isso vive em constante questionamento interno sobre si, sobre sua profissão e sobre suas atitudes. Ele se sente culpado por seguir notícias fúteis, informações irrelevantes e, muitas vezes, notícias que apenas ajudam a falsidade militar a ganhar força. Ele se considera um homem derrotado, um homem no fundo do poço.

Esta profissão não presta. Com o tempo, você vai empurrando a coisa com a barriga, meio pesadão. Sem qualquer alegria, garra ou crença, cutucado pela necessidade da sobrevivência. Apenas. O pior, se existe um, é que esta ocupação sovina e instável acaba como que atraindo azares, vícios, mortificações e levantando desejos de destruição, pespegando sentimentos culposos. A bebida, alguma esbórnia, outros empurrões que se tenta dar nessa consciência só fazem afundar mais o poço. Muita vez, tenho achado. Devo já estar no fundo dele. E, assim futricado, só escrevo porque tenho uma consciência culposa. Um homem limpo vai para casa e dorme. Ou vive, ama. E não há fantasmas que o atormentem. Um homem de bem dorme. (ANTONIO, 2012, p.338)

O sentimento de culpa do narrador é tão eminente neste conto que, mesmo quando sente nojo de sua situação, acaba automaticamente tentando se explicar para tornar ainda mais constante a sua vergonha: “Sem estrilo, companheiro. Nada de cara de vômito, que você não é de vomitar. No fundo, você é de comer, mamar e dirigir no bem-bom. Come e arrotta, como muitos outros.” (ANTONIO, 2012, p.344). E continua, logo em seguida, deixando claro que não tinha voz, ou melhor, que sua voz tinha sido comprada e agora é usada à mercê de sua vontade, um refém da própria palavra: “Psiu. Não seja farisaico. Não adianta simular que vai vomitar até os sapatos. Não vomita nem o porre de ontem no coquetel dos **pulhas, nonitinhos e bonifrates**. O seu caso é escrever o que os homens mandam e os poderosos querem. Ou para que pensa que é pago?” (ANTONIO, 2012, p.344-345 **negrito nosso**).

Apesar dessa culpa constante, do desalento confortável de sua posição, dos mandos dos pulhas, como na marcação destacada do parágrafo anterior, o narrador de João Antonio não se entrega completamente aos desmandos vindos de cima. Em uma insidiosa atitude, o narrador nos presenteia com uma frase curta, mas extremamente

impactante: “Outra idéia amarga me vem. Todos os ditadores, eficientes e poderosos, usam óculos escuros” (ANTONIO, 2012, p.343).

Enquanto pesquisava para este trabalho e me deparei com essa frase, imediatamente me veio a imagem de Ernesto Geisel e seus óculos escuros. Não sei exatamente o motivo, talvez tenha essa memória impressa com mais clareza graças a documentários e filmes sobre o período, mas, por curiosidade, fui pesquisar fotos clássicas e famosas dos “presidentes” do regime militar e o resultado é mais acentuado

do que o esperado. Em ordem de aparição: Costa e Silva; Emílio Médici; Ernesto Geisel e João Figueiredo.



Imagem acessada em Jan. 2020. Disponível em:
<https://m.cbn.globoradio.globo.com/media/audio/232507/linha-dura-do-marechal-costa-e-silva-foi-determina.htm>



Imagem acessada em Jan. 2020. Disponível em:
<https://veja.abril.com.br/blog/radar/briga-na-familia-medici/>



Imagem acessada em Jan. 2020. Disponível em:
<https://g1.globo.com/politica/noticia/em-memorando-diretor-da-cia-diz-que-geisel-autorizou-execucao-de-opositores-durante-ditadura.ghtml>



Imagem acessada em Jan. 2020. Disponível em:
<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/declaracoes-polemicas-de-joao-batista-figueiredo-presidente-militar.phtml>

Abraçado ao meu rancor é publicado em 1986 pela primeira vez, logo, não é coincidência que João Antonio utilize da frase destacada no parágrafo anterior para tratar os “presidentes” militares como ditadores. O narrador, mais uma vez consciente de sua posição, destaca para o leitor esta característica, constrói uma crítica violenta no ato comparativo e permite que um pouco de sua voz, apagada pela ditadura, seja liberta;

a profissão faz alcoólatras, jogadores, impotentes, solitários empedernidos ou viciados na gula da mesa e do poder e, por isso, rodeados de inimigos, detratores e desafetos por toda a parte. Gentes, de comum, com a família dançada e lacunas dentro de casa. Falo demais. Tenho a língua esperta, algum poder de verbalização e outros leros. (ANTONIO, 2012, p.347)

O narrador constrói uma ferrenha crítica à profissão de jornalista do período, trata seus pares com desdém, os retrata como picaretas, vendidos, mentirosos, destaca que “Não conseguindo enganar a si, quem dirá aos outros?” (ANTONIO, 2012, p.352). Seus colegas de trabalho não passam de marionetes, mecanismos do sistema de repressão, ferramentas para a censura explícita da ditadura e não contra ela.

Talvez este sentimento de menosprezo pela profissão e por seus colegas ajude a entender a tristeza e a depressão do narrador protagonista de *Abraçado ao meu rancor*. Sabendo de toda a situação, sendo material atuante e influente para a continuação do sistema repressivo, ancoro minha ideia na fala de Bruno Gonçalves Zeni: “Em ‘Abraçado ao meu rancor’, a referência à ditadura e à censura é explícita – ainda que não assuma o primeiro plano da narrativa – e concorre para conferir motivação mais concreta ao estado melancólico do protagonista” (ZENI, 2012, p.338).

Mesmo que não assuma o primeiro plano da narrativa, a crítica ao regime militar é constante neste conto, chegando a deixar um pouco de lado o implícito, em uma atitude arriscada para os jornalistas e artistas do período:

Jeitoso e sabido, de um jeito ou outro, ao longo do caminho, nem tão tortuoso, acabará escrevendo elegante e bonito, brilhoso sempre, reportagens otimistas, agradáveis e construtivas, finórias e premiadas. Ou pior. Folhetos de propaganda que cantem a vida, boletins que pintem um governo eficiente. (ANTONIO, 2012, p.348)

João Antonio foi incansável em suas críticas neste conto, vomitando a ojeriza da personagem quanto à censura e quanto aos métodos do governo militar para controlar as notícias. Algumas dessas argumentações não foram censuradas por alguma razão que desconheço, talvez Flora Süssekind estivesse, pelo menos parcialmente, correta quanto à “vista grossa” dos militares com João Antonio, pois escapam frases como: “Mas me queimam a cidade — trocam, destroçam, derrubam, destroçam, mudam —, me roubam a cidade, onde a enfiaram? E me encomendam mais uma reportagem edificante sobre ela.” (ANTONIO, 2012, p.358), ou: “Há o pior. O pessoal acaba se acostumando a incêndios e calamidades, como se acostuma a conviver com as notícias de tortura, com as matanças na Baixada Fluminense e os estupros nas cadeias.” (ANTONIO, 2012, p.358), ou ainda: “Nos bares, depois do expediente, meus colegas, nem tão indignados quanto raivosos, chamam contra a ditadura.” (ANTONIO, 2012, p.359), por fim: “Não foram os jornalistas que encomendaram ditadura, mas são eles, principalmente, quem a têm no lombo.” (ANTONIO, 2012, p.359)

Todas essas frases mostram um narrador consciente dos desafios quase intransponíveis da censura durante o regime militar brasileiro, um narrador que entende seu lugar de antagonista, e assume a sua derrota, consciente de sua incapacidade em fazer algo contra os desmandos ditatoriais.

A palavra vagão, proibida aos jornais pelos órgãos oficiais, só deve ser usada para transporte de carga ou animais. Assim, que culpa terão os jornalistas com uma ditadura no lombo, além dos patrões? Alguns, mais afoitos ou rebeldes, estão comendo processos ou cadeia. (ANTONIO, 2012, p.365)

Ele tenta um expurgo nessa citação, procura explicar que o jornalista apenas recebe a informação do que falar e de como reportar, são os editores, os patrões, os culpados por tudo, mas mesmo que ele tente explicar dessa forma, fica claro, na mesma

frase, que os que desafiam o governo acabam presos ou com processos, ou seja, lutar é inevitável para quem compreende os malefícios de uma ditadura, mas destrutivo e pouco efetivo, levando a maioria a aceitar as ordens militares, por mais absurdas que possam parecer.

O conto termina e fica um estranho e impreciso sentimento de impotência. João Antonio constrói um narrador que é tanto o intelectual malandro, que conhece seu lugar no mundo e, assim, cresce por sua situação privilegiada, como jornalista e terceiro poder, como destaca o rompimento deste lugar de destaque. Empresto a fala de Clara Ávila Ornellas (2007) sobre esse rompimento, que é tanto culpa da ditadura como de seus próprios pares.

ele denuncia a falência do jornalismo como profissão privilegiada. Enquanto, no início do século, conforme atesta Isaías, ser jornalista é ocupar um espaço representativo na ordem vigente, o personagem de João Antônio afirma que a imprensa enquanto poder paralelo já não existe, pois foi tragada pelos resquícios da ditadura política e pela concorrência interna entre seus próprios pares. (ORNELLAS, 2007, p.129)

O malandro intelectual de *Abraçado ao meu rancor* descreve as mazelas do seu lugar de privilégio, constrói uma ponte entre a alta sociedade do período e a política de censura, briga por um lugar em que possa criticar o governo sem censura, mas sabe que não pode fazer nada além de escrever páginas e páginas de jornalismo controlado. Já o malandro de *Paulinho perna torta* está do outro lado, ele é o procurado, aquele que cresceu nas mazelas, que se tornou o malandro clássico, e por isso seu olhar sobre a ditadura é mais gráfico, com menos meandros.

Paulinho perna torta é o arquétipo comum do malandro de João Antonio, é o malandro da sinuca, o malandro da putaria e o malandro dos negócios. A narrativa conta a trajetória do jovem Paulinho numa perna torta até seu conhecido apelido Paulinho perna torta, uma abreviação reprovada pelo protagonista, mas importante para entender que o conto reflete a falta de controle do protagonista sobre sua própria vida, assim como o controle estatal e social que o circula.

A crítica à ditadura é mais sinuosa nesse conto, João Antonio utiliza da repressão do período da narrativa (meados dos anos 1950) para criticar a violência da ditadura militar. O narrador, confortável com os cenários da narrativa, empresta da malandragem “raiz” dos personagens para descrever o outro lado que *Abraçado ao meu rancor* observa de longe. Em determinado momento, já nas páginas finais, o narrador

destaca: “E os jornais, querendo fazer uma presença para as famílias da cidade, tocam confete na polícia. E tudo se entorta. Pudera...” (ANTONIO, 2012, p.206).

O destaque não é gratuito, mas sim uma preparação para a grotesca cena de invasão da polícia (após a morte de um burguês que se meteu com a mulher de um baiano morador dos arredores), algumas páginas depois.

As sirenes das assistências parecem crianças chorando. Recolhem os corpos em carne viva e, aos trombolhões, jogam para dentro. Carnes se desmancham, braços e pernas. Dez-doze mulheres. Braços, pernas. Os cadáveres ainda ardem. (ANTONIO, 2012, p.209)

Apesar do tempo da diegese não corresponder ao período de atuação da ditadura militar no Brasil, já que “o conto procura marcar bem os anos 53-54, conhecido pela repressão imposta pela ditadura do estado novo, mas é escrita em 75, envolvida na ditadura militar” (ROSA, 2010, p.68), João Antonio contrasta as violências equivalentes dos períodos e constrói uma crítica mútua e implícita contra a ditadura e a repressão policial de ambos os períodos.

As críticas aparecem quase todas de uma vez nesse último ato do texto, momentos como: “Estraçalham, estuporam, quebram. Atacam as minas, arrancadas do sono e quase nuas. Batem e chutam como se surrassem homens. Sapateiam nos corpos das mulheres.” (ANTONIO, 2012, p.208), ou “Os homens da lei apitam, tiros, os cassetetes sobem e descem. E os cavalos vão pisando” (ANTONIO, 2012, p.209). A violência é gratuita e a impunidade é certa, por isso não importa o que fazem. O narrador, em um discurso narrativo-jornalístico, não poupa detalhes da atuação, a cena é grotesca, violenta e o malandro sabe que lutar é inútil, por isso se esconde.

As críticas continuam nesse período final da narrativa e guardam a cena que, para essa pesquisa, descreve com precisão o que foi a violência do período e como ela foi descrita para acobertar o genocídio narrado em *Paulinho Perna torta*. Enquanto a polícia invadia a cidade com “Toda a rataria — Força Pública, Exército, Corpo de Bombeiros, Cavalaria, Aeronáutica, até o DST, os civis, os guanacos, os cabeças-de-penicos, até a rapaziada da PE.” (ANTONIO, 2012, p.208), Paulinho se escondia em uma caixa d’água, observando:

As mulheres engolem depressa tubos de tóxicos e despejam álcool no corpo. Os corpos pelados, sem pressa pelas ruas, vão às labaredas, ardendo como bonecos de palha. O horror é uma mistura. Gente, cantoria, grito; é esguicho d’água, é tiro, correria desnorteada. Xingação, berreiro, choro alto e arrastado, cheiro de carne queimada e

fumaça. [...] Ivete está morrendo devagar na rua Aimorés, há cinquenta metros meus. Eu nunca vi morte assim e sei lá como me aguento quieto, me remexendo por dentro e não podendo fechar os olhos. (ANTONIO, 2012, p.208)

Toda essa citação é composta de uma crítica ao acobertamento da violência ditatorial. “As mulheres engolem depressa” é a notícia escondendo que a força policial matou deliberadamente dezenas de pessoas e saiu ilesa, construindo um suicídio que obviamente foi um assassinato, “Os corpos pelados, sem pressa” destaca o sacrifício e o desespero, o cansaço daquele grupo social, “ardendo como bonecos de palha” porque servem como aviso, como descrição do poder sanguinário e visual do governo.

Paulinho não sai ileso do ataque, seus companheiros/rivais: “caíram na ilha das cobras e de lá não voltaram vivos” (ANTONIO, 2012, p.209), uma de suas paixões foi queimada viva e tudo o que ele tinha foi retirado abruptamente, em um ciclo de violência em que estava inserido desde que nascera.

Concordo com Rosa (2010) quando ela destaca que o conto, além da crítica incisiva e indireta à ditadura, descreve o ciclo completo de um personagem que é reflexo de toda uma sociedade, mostra o nascer nas mazelas, a vida que o força a ser malandro e se aproveitar dos outros, assim como a felicidade do malandro satisfeito. Mas também mostra a recaída e o apagamento, a vida breve e intensa do malandro clássico de João Antonio, o malandro que sobrevive a qualquer custo, mas que é esquecido, como tantos foram esquecidos durante esse período de pesadelo da história brasileira.

os tempos de repressão militar vividos no Brasil, serviram de pano de fundo para ilustrar a degradação de um ser que gozava de uma certa liberdade. O personagem se viu transformado em bandido, envolvido pela força esmagadora da modernidade e envolvido pela força opressora do estado que fez dele uma sombra errante pelas ruas da cidade que parecem não lhe pertencer mais. (ROSA, 2010, p.70)

Os protagonistas de *Paulinho perna torta* e *Abraçado ao meu rancor*, enquanto compartilham de algumas características, como saber utilizar a malandragem para proveito e sobrevivência, encontram no narrador de *Dedo Duro* seu pesadelo, encontram o malandro que também luta para sobreviver, mas utiliza do sistema repressivo e da censura para crescer, mesmo que para isso precise trair seus pares.

Em *Dedo Duro*, somos apresentados a um personagem que se destaca não pela malandragem usual dos personagens de João Antonio, mas pela ganância e inveja de um personagem que não conseguiu ser igual a seus pares, e acaba servindo como bode

expiatório da polícia, acaba gostando do poder e querendo ser igual aos repressores. Ele é a descrição do oprimido que, ao invés de lutar contra os opressores, se junta a eles quando tem oportunidade.

Para ilustrar esse personagem, precisamos ter em mente que uma das forças de maior eficácia da polícia durante a ditadura foram os delatores, os infiltrados e os homens, civis, que acreditavam na força militar e se entregavam com afinco ao ofício de denunciar seus pares. O protagonista de *Dedo duro* é um desses civis, um deslumbrado que se vende para se parecer com os milicos, como diz João Antonio em alguns de seus contos.

Deslumbrado e satisfeito, o protagonista do conto não se preocupa com o destino de seus colegas, em um de seus golpes, após levar para a prisão alguns malandros para os quais vinha planejando uma emboscada há algum tempo, ele mostra com desdém e calma que o destino daqueles homens, apesar de horrível, não importa para ele e sua ganância.

Ralinha, minha prisão foi de araque, de grupo. Uma palha. Deu que garantiu minhas aparências na raia da malandragem onde, amanhã ou depois, atuarei de novo. Meia hora escorre, nem isso, sou liberado sem que os outros vejam. Lá, eles estão esperando a hora da tortura. Só de pensar, estarão sentindo frio nos dentes. E eu vou dormir. (ANTONIO, 2012, p.296)

O protagonista é um covarde, possivelmente com algum tipo de sociopatia. A frase final da citação “e eu vou dormir” mostra seu caráter de traidor, ele não deixa de ser um malandro, ele sobrevive como consegue, mesmo que para isso seja tratado como escória por seus pares, se descobertas suas ações com a polícia.

Mas suas atitudes acabam, de uma forma ou de outra, o fazendo crescer de alguma forma, ele é um anti-herói malandro que rompe a máxima do malandro clássico de João Antonio, pois ele não tem ódio da polícia, ele tem desejo de ser um. Porém, o protagonista do conto e aqueles que ele entrega, no final, são os mesmos, eles serão apagados de alguma forma, a partir de alguma violência, mostrando uma vez mais o retrato de uma sociedade e de uma política de repressão. Nisso, concordo com a posição de João Paulo Bense (2017):

O malandro que cai e o malandro caído têm um traço em comum a que se associam: são nada, uns anônimos que, se trazem um nome, agora a força fará com que, ou adotem um outro – caso do dedo-duro –, ou se esqueçam do seu. Se o nome proporciona a identidade ao homem, há um poder instituído que irá retirar essa identidade em dois momentos: um, pela exclusão social dos marginalizados, e o outro,

pela tortura, método tão ilícito quanto o que provoca a detenção do excluído. Na comparação entre os crimes envolvidos, o contrabando, os furtos denunciados pelo dedo-duro de um lado, e a violência da tortura por outro, esta é mais brutal. (BENSE, 2017, p.96-97)

O protagonista de *Dedo-Duro*, empolgado com o golpe que tinha planejado para o dia seguinte: “Tinha dormido um nada. Precisava deixar o disfarce de Carioca e tornar a Peteleco. Tinha peixe na rede. Primeira vez uma quadrilha nas mãos, eu ia faturar um tento. Corresse à cidade, logo na manhãzinha.” (ANTONIO, 2012, p.299), não disfarça que, apesar de trabalhar para a polícia, não pertence ao mesmo patamar. Ele relata sua viagem “junto com os primeiros trabalhadores e marmiteiros que procuram os ônibus xexelentos, entupidos de mococongos” (ANTONIO, 2012, p.299), sua atitude de servidão: “Desço e vasculho as bocas, meio zonzó, sonado, há horas, como um **cachorrinho**. Preciso encontrar meu tira.” (ANTONIO, 2012, p.299, negrito nosso), e, por fim, o contraste de seus pares com seu contato na polícia, comendo em restaurante de luxo, “Rondando firme, provavelmente vou topar o rato com cara de sono; onde, não sei. Sebastião Pé de Chumbo gosta de comer, no sossego, o seu filé com salada de agrião, azeitada bem, num restaurante beleza da Boca do Luxo, ali por volta das três, três e meia da tarde” (ANTONIO, 2012, p.299-300).

Nesse conto, temos a ditadura representada pelos detratores, traidores e dedos-duros do período. Observa-se uma construção histórica do homem que é manipulado para cometer o maior crime do malandro, ser parceiro da polícia na “cagoetagem” e sair ileso, é o soldado cego que apenas observa e entrega, que possui as mãos sujas de sangue, mas que ignora, é um simulacro do sistema que permanece ainda hoje em nosso imaginário.

Por fim, temos esses três personagens que nos mostram olhares distintos do mesmo espaço. Os três malandros entregam para o leitor o que foi a violência militar da ditadura a partir de mecanismos e ferramentas de linguagem que, muitas vezes, passaram despercebidos (ou não, se pensarmos mais uma vez na fala de Sussekind) pela censura e hoje são material de pesquisa para entendermos um pouco mais o que foi esse período.

CONSIDERAÇÕES

A partir da leitura e análise das três narrativas apresentadas nesse trabalho, foi possível entender um pouco mais os mecanismos e ferramentas que jornalistas e escritores utilizaram durante o período de censura da ditadura militar brasileira, para construir e dividir suas críticas ao regime ditatorial com o público leitor.

João Antonio, atuante em ambos os meios de comunicação, utiliza dos arquétipos construídos a partir de seus “malandros” para realizar diversas críticas implícitas ao regime, possibilitando que tenhamos acesso ao atípico material que sobreviveu às destruições e à censura do período.

Levando em consideração a proposta inicial do trabalho, foi possível perceber que a utilização de discursos implícitos, simbolismos, metáforas e construções dialógicas que conversam com o realismo mágico do mesmo período, foram ferramentas imprescindíveis para que a esquerda pudesse ser ouvida durante a ditadura militar, servindo de meio para que o apagamento forçado do regime não tomasse conta de toda a opinião pública.

Considera-se ainda a importância que essas críticas tiveram na produção cultural e social do Brasil. As revistas onde João Antonio publicou seus contos, os jornais que guardavam um pequeno espaço para pequenas narrativas, assim como toda a imprensa nanica e alternativa, que não mediram esforços para descrever os horrores do período.

Por fim, acredito que este artigo foi capaz de sinalizar uma fração da importância do discurso implícito para a crítica jornalística e literária durante o regime militar, mostrando a importância de um escritor que uniu as ferramentas informativas e narrativas afim de construir um diálogo entre o que era permitido e o que era escondido pela censura.

REFERÊNCIAS

- ANTONIO, J. *João Antonio contos reunidos*. Cosac Naify, São Paulo, 2012.
BENSE, J. P. *Negaça, negócio, negação: Os contos de João Antonio. Atravessados*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 176p. 2017.

- BUENO, André. “*Um passeio pela cidade de São Paulo*”. In.: _____. A vida negada e outros estudos. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.
- MALCHER, B. M. G. *A estética possível: Sobre o rancor e o isolamento em João Antonio*. [81] GARRAFA. Vol. 16, n. 45, p. 81 -107. ISSN 18092586, Jul-Set 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/22089/12273> Acesso em: Jan. 2020.
- ORNELLAS, C. A. *Abraçado ao meu rancor: João Antonio é leitor de Lima Barreto*. Revista Famecos, Porto Alegre, nº33, Ago.2007, p.124-132, Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3443/3926> Acesso em: Jan.2020.
- ROSA, M. E. M. *Tempos de repressão em “Paulinho perna torta”, de João Antonio*. Terra Roxa e outras terras – Revista de Estudos literários, Vol.19, Nov.2010, ISSN 1678-2054, Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa> Acesso em: Jan.2020.
- SILVA, T. M. *Posta restante: um estudo sobre a correspondência do escritor João Antonio(VOL I)*. (Tese de Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 293p. 2009.
- SÚSSEKIND, F. *Literatura e vida literária. Polêmicas, diários e retratos*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985.
- ZENI, B. G. *Sinuca de Malandro: Narradores, protagonistas e figuras paternas em João Antonio*. (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 414p. 2012.

Data de recebimento: 06/04/2021

Data de aprovação: 06/12/2021